

OPINIÃO

EDITORIAL

Reserve - Economia

Falta coerência para o crescimento

A única surpresa realmente da última reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) foi o placar de quatro votos a favor e três contra uma redução de 0,25 ponto percentual, sem nenhum viés, trazendo a taxa Selic para 12,5%. Isso indica que está havendo percepção por parte de alguns diretores do Banco Central (BC) de que há mais espaço para baixar a taxa de juros básicos, que é atualmente de 8,55% em termos reais.

Deve-se notar que não participou da reunião o diretor de política monetária do BC, Rodrigo Azevedo, que está demissionário. O seu substituto indicado, Marcos Torós, ainda aguarda confirmação pelo Senado Federal. Especula-se que, com essa substituição, poderia o Copom ser menos conservador de agora em diante, lembrando-se que, em caso de empate entre os oito membros do Copom, a redução dos juros deve ser decidida pelo voto de Minerva do presidente da instituição, Henrique Meirelles.

Pelas análises mais pessimistas, que consideram inclusive a possibilidade de alteração no quadro internacional, hoje extremamente favorável, o Co-

pom tenderia a continuar na mesma toada nas cinco reuniões previstas até o fim deste ano. Se de fato, a cada reunião, a taxa básica de juros for baixada em 0,25 ponto percentual, terminaremos o ano com uma taxa de juros de 11,25% ao ano, se a previsão da taxa de inflação para os próximos doze me-

O BC age com o conservadorismo habitual e os empresários ainda aguardam uma sinalização para investir

ses (3,64%) permanecer inalterada. Isso representaria uma taxa real de 7,34%.

Há analistas, porém, que prevêm que a taxa poderá fechar o ano em 10,75% (taxa real de 6,86%) ou mesmo em 10,50% (taxa real de 6,62%). Nas duas hipóteses, seria preciso que, em algum ponto, o Copom baixasse a guarda.

Um corte maior na taxa Selic, com reflexos sobre a excessiva valorização do real, seria, sem dúvida, mais condizente com uma expansão econômica significativa, mas há dúvidas

sobre a possibilidade de que isso venha a se concretizar.

Observa-se que, com o risco-Brasil batendo sucessivos recordes de baixa (chegou a 156,09 pontos básicos justamente no dia em que foi anunciada a decisão do Copom) e com o Tesouro brasileiro conseguindo colocar títulos no exterior a uma taxa de 10,88% a.a. em dólares, tudo faz crer que o BC continua dominado pela fixação de uma perigosíssima elevação da demanda interna.

Se tem havido uma expansão das vendas de automóveis e em alguns setores diretamente ligados à produção agrícola, o nível de atividade, de modo geral, continua morno, apesar da queda progressiva dos juros desde setembro de 2005.

Não há também uma disposição clara do governo de atrair mais investimentos. Pode-se dizer que o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), lançado em 22 de janeiro deste ano, ainda não saiu do papel. Sempre são invocados motivos burocráticos para o adiamento das concessões de rodovias, assim como da modernização dos portos, da regularização em definitivo das falhas aberrantes no transporte aéreo, da construção de

grandes hidrelétricas, de obras de saneamento básico, etc.

Promete-se uma nova proposta de reforma tributária, com instituição de um imposto de valor agregado (IVA), nos níveis federal, estadual e municipal, mas isso só vai acontecer, se acontecer, no segundo semestre. Já a reforma da Previdência foi entregue a um fórum para propor alternativas. Não se conhece ainda nem mesmo o teor das proposições que serão colocadas em discussão. O governo se limita, sempre que se sente politicamente pressionado, a tomar medidas pontuais, como o prometido acerto no Fundo de Participação dos Municípios (FPM).

Os primeiros 100 dias do seu segundo mandato já se foram, mas o presidente Luiz Inácio Lula da Silva ainda está montando o segundo escalão de seu governo, agindo às vezes com acerto como a indicação do economista Luciano Coutinho para a presidência do BNDES, mas só depois de muitas idas e vindas.

Nesse ambiente, o BC poderia transmitir mais ânimo aos empresários adotando uma atitude mais ousada. Ainda não foi desta vez.